

Bibliotheca Monasterii Sti. Benedicti Sti. Pauli:

história cultural, bibliografia histórica, preferências e práticas de leitura e sentido de ordem acerca da Coleção de Livros Antigos (Sécs. XVI – XVIII)

André de Araújo*

Resumo: A propósito do valor histórico e da importância da Biblioteca do Mosteiro de São Bento de São Paulo pela conservação de um singular patrimônio bibliográfico, pretendemos compreender parte de sua história. Para tanto, a pesquisa tem se desenvolvido em três linhas de investigação: a primeira é a análise de obras que nos permitam resgatar os aspectos históricos e culturais que proporcionaram a formação da Biblioteca, a segunda é o projeto e a elaboração do Catálogo da Coleção de Livros Antigos da Biblioteca e a terceira é a análise da Coleção à luz da bibliografia e dos documentos utilizados. A partir da pesquisa preliminar, entendemos que entre os monges beneditinos sempre houve diversos sinais de uma reflexão e orientação coerente a respeito de bibliotecas e de livros e que a própria Biblioteca é reflexo da mentalidade beneditina, de modo que os aspectos espirituais e históricos da Ordem Beneditina constituem elementos configuradores das etapas de formação de sua identidade bibliográfica.

Palavras-Chave: Biblioteca do Mosteiro de São Bento (História) – Sécs. XVI-XVIII – São Paulo. Bibliotecas Beneditinas. História das bibliotecas, do livro e da leitura.

Résumé: A propos du valeur historique et de l'importance de la "Biblioteca do Mosteiro de São Bento de São Paulo" pour la conservation d'un patrimoine bibliographique digne d'être remarqué, nous pretenons faire mieux connaître sa histoire. Pour autant, la recherche est composé de trois lignes d'investigation: la première, l'analyse des oeuvres qui comprennent em soi les aspects historiques et culturels qui on contribué pour la formation de la Bibliothèque; la seconde, c'est le projet et l'élaboration du Catalogue de la Collection des Livres Antiques de la Bibliothèque et la troisième, enfin, c'est l'analyse de la Collection la confrontant à la bibliographie et documents employés. Dès la recherche préliminaire, remarquons que chez les moines bénédictins il y a plusieurs signes d'une réflexion et d'orientation cohérente sur les bibliothèques et les ouvrages, étant la Bibliothèque du Monastère elle-même la repercussion de la pensée bénédictine, dans la façon que les aspects spirituels et historiques de l'Ordre de Saint Benoît soient des éléments qui configurent les étapes formatrices de sa identité bibliographique.

Mots-clé: Bibliothèque du Monastère de Saint Benoît (Histoire) – XVI^e-XVIII^e siècles – São Paulo. Bibliothèques Bénédictines. Histoire des bibliothèques, du livre et de la lecture.

Introdução

Bibliotecas são instituições ligadas à preservação dos registros do presente e do passado deixados pelo homem em sua trajetória temporal/cultural.

* Bibliotecário do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Abadia de Nossa Senhora da Assunção). Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela UNESP. Mestrando em História Social pela USP. Contato: armarius.araujo@gmail.com

Ainda que sob uma imensa variação e relativização, bibliotecas não deixam de ser espaços sociais destinados aos livros, ao saber, ao conhecimento e também à prática de leitura, constituindo, portanto, bases institucionais desta prática ao legitimarem-na.

Do ponto de vista histórico e na sua relação presente x passado, bibliotecas não podem ser dissociadas do contexto que emerge a sua funcionalidade, seja para seus criadores quanto para seus leitores e usuários, mesmo não tendo evoluído de forma coerente e progressiva.

É nesta esteira que as reflexões aqui pretendem se guiar: dar os “primeiros passos”¹ para uma possibilidade de historização do processo de composição, das preferências e das práticas de leitura e, se possível, do sentido de ordem acerca da Coleção de Livros Antigos da Biblioteca do Mosteiro de São Bento de São Paulo (Sécs. XVI ao XVIII), nomeadamente um lugar consagrado aos livros e à leitura.

O lugar: a Biblioteca do Mosteiro de São Bento de São Paulo

A Biblioteca do Mosteiro de São Bento caracteriza-se por ser uma biblioteca particular e especializada; composta por exemplares de livros antigos e raros, desde *incunábulo*, do Séc. XV, obras do Séc. XVI ao XVIII, além de um grande acervo dos Sécs. XIX e XXI, que totalizam, junto com as coleções de periódicos, aproximadamente 100.000 volumes.

Presume-se que já houvesse uma biblioteca, mesmo que pequena, desde a fundação do Mosteiro em 1598. Neste caso, ali já começaria a se constituir um acervo de livros, como prescreve a Regra de São Bento² - no Capítulo 48³.

Como testemunha de uma longa história, a Biblioteca dispõe hoje de uma Coleção de Livros Antigos (Sécs. XVI-XVIII), dos quais alguns poucos trazem indicações de terem pertencido à antiga Biblioteca do Mosteiro⁴ e, ainda, das preferências e das práticas de leitura de seus usuários.

¹ Termo adotado por Robert Darnton em seu texto referencial e introdutório sobre história da leitura “Primeiros passos para uma história da leitura”. No texto, Darnton tem a virtude de pensar os primeiros passos da leitura na perspectiva de um historiador: a partir de estudos singulares consegue atingir interpretação menos normativa de práticas culturais. Darnton, assim como Martyn Lyons, quer apontar que a leitura é, antes de tudo, uma *prática social*. Para aprofundamento do tema, ver DARNTON (1990) e LYONS e LEAHY (1999).

² O legado de São Bento é sua Regra (Séc. VI), a qual ele vivera na prática antes de escrevê-la em Monte Cassino. Ao criar a Regra, São Bento desenvolveu um conjunto de normas que tratavam dos deveres do abade, dos regulamentos à adoração de Deus, da disciplina, do código penal e da administração interna dos mosteiros.

³ “Nos dias de Quaresma, porém, de manhã até o fim da hora terceira, entreguem-se às suas leituras, e até o fim da décima hora trabalhem no que lhes for designado. Nesses dias de Quaresma, recebam todos respectivamente livros da **biblioteca** [grifo nosso] e leiam-nos pela ordem e por inteiro [...]” (SÃO BENTO, 1980:102).

⁴ O termo utilizado para denominar a antiga Biblioteca na época da Província Beneditina (1592-1827) era *Livraria*. Diante desta denominação, optamos por adotar ao longo de nosso texto o termo *Biblioteca-Livraria*

Diante de tais idéias, algumas questões surgem acerca dessa Biblioteca quinhentista: o que constituiu sua Coleção de Livros Antigos? Como a mesma foi composta? Quais eram as preferências a as práticas de seus leitores? Como este acervo esteve organizado?

Compreender a “anatomia” da Coleção e da Biblioteca-Livraria não escapa da própria origem e da constituição de bibliotecas beneditinas na Idade Média⁵ até a sua manutenção na contemporaneidade⁶. Assim, a gênese e a vitalidade desse tipo de biblioteca remonta à própria Regra de São Bento e à história monástica beneditina, ao mesmo tempo em que nos dão elementos para compreendermos o significado da Instituição Biblioteca para os próprios monges beneditinos em seu tempo.

A Biblioteca-Livraria (Sécs. XVI-XVIII)

A formação da Biblioteca-Livraria

Para compreendermos a formação da Biblioteca-Livraria, devemos lembrar que além da Regra de São Bento, a Congregação Beneditina Lusitana, da qual os mosteiros da América Portuguesa eram subordinados, possuía também como textos normatizadores suas Constituições⁷.

Na Constituição de 1629 está clara a necessidade de formação de monges letrados. O zelo pela biblioteca, dita um capítulo dessa Constituição, é uma incumbência do Abade, que deve inclusive providenciar um bibliotecário que faça, além de outras tarefas, um inventário com índice alfabético (CONSTITUTIONES..., 1629).

Era imprescindível, portanto, a presença de um bibliotecário - eleito a votos da Congregação – e considerado uma espécie de ‘guarda desta fortaleza’ já que “[...] será de sua competência guardar o precioso depósito que lhe é confiado [...] e que se aponte com exaço o lugar em que (o Índice) ocupa na Livraria” (PLANO..., MDCCLXXXIX:139).

quando nos referirmos à *Livraria* (Sécs. XVI-XVIII) e somente o termo *Biblioteca* para a Biblioteca do Mosteiro contemporânea (Sécs. XIX-XXI).

⁵ Para dados gerais sobre o tema, ver artigo publicado na Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento da Bahia: ARAÚJO, André de. *Clastrum sine armario sicut castrum sine armentario: as bibliotecas beneditinas na Idade Média. Análise e Síntese*, Salvador, ano 3, n. 6, p. 135-151. 2004.

⁶ Para aprofundamento do tema, ver: ARAÚJO, André de. **Bibliotecas Monásticas Beneditinas: suas características na contemporaneidade**. 2001. 207 f + anexos. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Biblioteconomia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília/SP, 2001. Não publicado.

⁷ Constituições: “conjunto de normas monásticas que visavam adaptar a Regra de São Bento às novas condições de vida. Foram elas elaboradas em 1629” (ANDRADE, 1980:346).

É interessante notarmos que no Plano e Regulamentos dos Estudos para a Congregação de São Bento de Portugal⁸, de 1789, são enumeradas as diversas qualidades do bibliotecário – que deveria ser bem instruído na História Literária e na Bibliografia⁹ -, além da obrigação de guardar o precioso depósito.

Outro dever do bibliotecário era atualizar o acervo e elaborar um extrato das notícias literárias vindas dos países estrangeiros, onde mais se cultivavam as letras, e adquirir as obras que fossem mais úteis (JOHNSON, 1975).

Segundo o mesmo Plano, a biblioteca deveria ser uma das principais dependências do Mosteiro, o que relembra as Constituições monásticas sobre o assunto.

Uma rigorosa recomendação dessas Constituições, que hoje parece-nos exorbitante, nos revela o grande cuidado dos antigos monges pelos livros:

A fim de que se possa conservar a Biblioteca e ela não seja facilmente dilapidada, ordenamos, em virtude da santa Obediência e sob pena de Excomunhão “ipso facto incurrenda” que nenhum Monge, de qualquer categoria que seja, se atreva a retirar algum livro da Biblioteca, seja por si mesmo, seja por intermédio de outra pessoa, nem com a licença de D. Abade do Mosteiro, nem com a de D. Abade Geral (CONSTITUTIONES..., 1629:192-194 apud JOHNSON, 1975:134).

Tal recomendação, no entanto, mais do que revelar o zelo pelos livros, nos indica o possível o uso da Biblioteca-Livraria, e de sua postura mais de conservação do que de circulação em relação às obras. Havia, portanto, um elemento de poder e de ordem neste espaço.

Com base nestas recomendações, o Mosteiro de São Bento de São Paulo formou aos poucos uma biblioteca constituída de títulos bem diversificados, cuja aquisição se deu tanto pela compra quanto pela herança dos próprios monges.

Devemos destacar ainda que a Biblioteca-Livraria refletia a necessidade de livros para a formação monástica e permanência da tradição, ainda que tivessem funções direcionadas e circulação restrita. Temos a hipótese de que a decadência ou não da Biblioteca-Livraria em determinados momentos de sua história também correspondeu ao nível de estudo e de interesse dos monges pelos livros e pela leitura.

⁸ Segundo Dom Martinho Johnson, o *Plano e Regulamentos*, como o nome indica, consiste, em primeiro lugar, num programa de estudos humanísticos, filosóficos e teológicos. Além disso, ele é também uma espécie de código de preceitos e regras disciplinares dadas a Colégios-Abadias (JOHNSON, 1975).

⁹ Entendemos aqui a Bibliografia como a ciência do índice, da comunicação e da cultura escrita.

Leituras: preferências e práticas

O mundo dos beneditinos em São Paulo era um mundo inevitavelmente livresco – como ainda o é em nossos dias, portanto, é possível intuímos o conteúdo da Biblioteca-Livraria.

Sua Coleção de Livros Antigos já sugere, mais do que as práticas, as preferências de leitura e, implicitamente, os critérios de seleção das obras. Nesta perspectiva podemos, inclusive, unir ‘o que’ com ‘quem’ da leitura já que investigamos uma biblioteca de caráter particular¹⁰.

As obras que compõem a Coleção não só revelam seus aspectos intelectuais em si – pelos autores que as redigiram e pelos seus conteúdos – mas também elementos intelectuais dos próprios monges-leitores daquele tempo, de modo que representam as seguintes áreas: Teologia, Escritores Eclesiásticos, História Eclesiástica, Monaquismo, História Profana, Literatura, Filosofia, Direito Canônico dentre outras áreas do conhecimento.

As características da Biblioteca-Livraria acompanharam a tônica de composição das bibliotecas do Séc. XVI ao XVIII: no Séc. XVI havia poucos livros, de modo que o número de proprietários de livros era pequeno e, ainda, cada um deles tinha uma quantia reduzida de volumes, em grande parte referentes à religião; já no Séc. XVII, a situação de posse de livros praticamente não se modificou em relação ao século anterior e no Séc. XVIII assistiu-se uma mudança tanto na posse de livros como na constituição de bibliotecas (VILLALTA, 2002).

Pela leitura do Catálogo da Coleção de Livros Antigos¹¹ sabemos que numericamente há o crescimento de títulos conforme o avançar dos séculos e que há, também, o predomínio de obras de História Profana e de Monaquismo.

De modo a termos um panorama das preferências de leitura, vale destacarmos alguns títulos da Coleção de Livros Antigos, que fizeram parte do cotidiano dos monges leitores.

Entre as obras, destaquemos *Steganographia*, de 1676, do beneditino Johannes Trithemius (1462-1516) - abade do Mosteiro de Sponheim. Seu livro trata da ocultação de mensagens e dialoga com escritos esotéricos e códigos; em uma terminologia contemporânea estas áreas seriam caracterizadas como sugestões, telepatia e hipnotismo (BEHRENDT, 2000). *Steganographia* se tornou uma fonte indispensável para uma avaliação da situação monástica e intelectual da era Pré-Reforma.

¹⁰ De acordo com Darnton (1992), o estudo de bibliotecas particulares e de suas fontes tem a vantagem de unir o “o que” com o “quem” da leitura, ajudando-nos compreender os hábitos de leitura desses espaços.

¹¹ Por nós projetado e desenvolvido.

Também compôs a Biblioteca-Livraria a obra *Bibliotheca Universalis*, de 1545, de Conrad Gesner¹²: uma bibliografia de todas as obras escritas nas três línguas eruditas – grego, latim e hebraico – cuja organização se deu, primeiramente, por ordem alfabética de autor em nome latino, em seguida, indicação do respectivo título da obra e, depois, indicação das características e conformação da edição (SERRAI, 1997a).

As obras de Dom Jean Mabillon (1632-1707) – considerado pai da Diplomática – também fizeram parte do universo da Biblioteca-Livraria. São diversas as obras do beneditino, dentre as quais destacaríamos as diversas partes de *Annales Ordinis S.Benedicti*, do Séc XVIII, e *Tractatus de Studiis Monasticis*, de 1729, obra em que o autor estima o trabalho intelectual na vida do claustro.

Entre as obras filosóficas, lia-se, por exemplo, *Opervm: Aristotelis*, de 1606, de Aristóteles; o tratado de metodologia científica *De Dignitate: et Augmentis Scientiarum Tomus I et II*, de 1779, de Francis Bacon e o manual de filosofia, que trata de lógica, metafísica e teologia *Dilucidationes Philosophicae*, de 1746, de Georgii Bernhardi Bilifingeri.

A biografia de José de Anchieta, de 1617, intitulada *Iosephi Anchietae Societatis Iesv sacerdotis in* e autografada pelo seu autor, Sebastiano Beretario, também aparece na Coleção.

Como sinal de interesses diversos, vemos que no Mosteiro colonial lia-se obras de botânica e história natural, tal como *Historia Natvralis Brasiliae*, de 1648, de autoria de Guilielmi Pisonis, que foi oficialmente o médico/físico enviado pelo governo holandês no Brasil sob o auspício de Mauricio de Nassau.

Notamos também a existência de títulos de uso prático e científico como a obra de farmacologia *Pharmacopea dogmatica medico-chimica, e theorico pratica*, de 1772, de autoria de Fr. João de Jesus Maria, Ordem de São Bento – monge da Congregação Beneditina Portuguesa e administrador da Botica do antigo Mosteiro de Santo Tirso.

Por meio desta breve exposição de livros que constituíam a Biblioteca-Livraria e as preferências e práticas de leitura podemos ver como era diversificado o interesse dos monges, no entanto, mesmo identificando tematicamente o que se lia, ainda torna-se uma difícil tarefa supormos o que os monges apreendiam das leituras realizadas na época.

Estas mesmas preferências e práticas estão, portanto, relacionadas ao suporte, confirmando o quanto a materialidade afeta as modalidades de uso e de apropriação dos textos ao longo dos tempos pelo leitor.

¹² Não é possível iniciar um estudo sobre a história da classificação e da catalogação sem pensarmos em Gesner, que não só foi o maior bibliógrafo de seu tempo como praticamente fundador da disciplina bibliográfica.

O sentido de ordem

Cabe agora tentarmos compreender como possivelmente os livros eram organizados na Biblioteca-Livraria. Lançar nosso olhar brevemente a outras experiências de organização de bibliotecas entre os beneditinos pode ser um caminho a ser seguido para tal compreensão.

Para o erudito Conrad Gesner, a pedra angular do sistema catalogador era o autor, idéia também compartilhada por Florian Treffler¹³.

Treffler qualificou em seu *Methodus Exhibens Variorum Indices* que a organização de uma biblioteca era o motivo central do valor bibliotecário (SERRAI, 1997b).

Já em *Ichnographia de Bene Ordinanda Onandaque Bibliotheca Mellicensi* - um importante tratado, de 1751, para a organização da suntuosa biblioteca beneditina da Abadia de Melk, Áustria - o bibliotecário P. Martin Kropff forneceu detalhes interessantes sobre os princípios de ordem dentro da biblioteca.

Kropff organizou seu tratado em quatro partes: primeiro, delimitou as classes; segundo, desenhou o mapa-planta da distribuição das classes; terceiro, definiu os números de chamadas dos livros e, em quarto, descreveu a estrutura das fichas e como as mesmas deveriam remeter ao fichário (KROPFF, MDCCLI).

Observamos também a importância dada ao *autor* quando Kropff elenca uma lista de autores beneditinos para demonstrar a erudição da Ordem Beneditina.

Trazendo esses aspectos ao nosso objeto de pesquisa, vale lembrar que no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro há um documento chamado *Indice dos Cognomes e nome de todos Authores da Livraria*, que é o índice de autores e de livros que compuseram a *Livraria* do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, no período de 1763 a 1766.

A primeira parte do Índice trata-se somente da relação dos autores em ordem alfabética. A segunda está organizada por ordem alfabética e dentro de cada letra a entrada é feita pelo nome do autor (e não sobrenome).

Já a terceira parte indica a quantidade de autores que há em cada letra do alfabeto. E a quarta é a relação dos assuntos da Livraria, embora haja a indicação de muitos autores.

É muito importante destacarmos a questão do *autor* como *assunto* neste último Índice, assim como a utilização de letras e números (“letra” e “sena”) no segundo e no quarto Índice para indicar a localização das obras nas estantes e prateleiras, pois estes princípios vão ao encontro dos mesmos fundamentos que notamos em Gesner, Treffler e Kropff.

¹³ Treffler, responsável pela biblioteca cenobítica de Benediktbeuren, de 1539 a 1544, definiu a estrutura e a função do catálogo em relação à Biblioteca, criando um método para ordenar e catalogar os livros.

Estes mesmos fundamentos para ordenação supomos que fossem utilizados na Biblioteca-Livraria já que na contemporaneidade vemos sinais de organização próximos dos já expostos até aqui.

Temos a hipótese de que os princípios classificatórios da Biblioteca-Livraria “[...] traduzia uma forte decisão intelectual sobre seu relacionamento com um campo de saber [...]” (JACOB, 2000:59) e que estes princípios modularam de acordo com a dessacralização do saber.

Neste âmbito podemos supor que os procedimentos de organização levaram a novas formas de conhecimento, assim como estes levaram a novos modos de organizar a Biblioteca-Livraria já que seus livros deveriam ser classificados conforme as articulações intelectuais da época.

Considerações iniciais

O estudo histórico e cultural da Biblioteca-Livraria pode nos auxiliar na compreensão de aspectos da cultura e da história dos beneditinos em São Paulo.

Comprendemos que no Mosteiro de São Bento de São Paulo houvesse uma política de desenvolvimento e de manutenção da Biblioteca-Livraria e de seu acervo, política esta que se deu em função de alguns elementos configuradores como a própria Regra de São Bento, as Constituições e os Planos e Regulamentos, além das condições materiais para a formação deste espaço dedicado aos livros.

Neste caminho é muito importante termos claro que a Biblioteca-Livraria além de se fazer pelas políticas de composição, manutenção e circulação do acervo também se fez pelas escolhas de seus monges leitores.

Compreender as preferências e as práticas de leitura pela própria percepção das práticas materiais da leitura “quem lê”, “o que se lê”, “de onde se lê”, “quando se lê” e “como se lê” são questões imprescindíveis à nossa investigação.

Mas o fato de já podermos até aqui identificar o “onde” da leitura é significativo, já que colocação do leitor em seu ambiente pode dar sugestões sobre a natureza de sua experiência. O “onde” constitui um tipo de pergunta que se associa a “quem”, “o que” e “quando”, de modo que os “porquês” e os “comos” da leitura nos escapam (DARNTON, 1990).

Nossas observações nos levam à compreensão de que a Biblioteca-Livraria é o reflexo da mentalidade beneditina, de modo que os aspectos espirituais e históricos da Ordem

Beneditina constituem elementos configuradores de todas etapas de formação de sua identidade bibliográfica.

Deste modo, podemos afirmar que no Mosteiro de São Bento de São Paulo a tradição de leitura e de livros, portanto, de bibliotecas, não foi, e nem poderia ser esquecida pelos seus membros. É em meio a esta tradição que a Biblioteca-Livraria constituiu-se e desenvolveu-se, e cabe-nos, agora, compreendê-la um pouco mais além do que foi feito até aqui.

A Biblioteca-Livraria continua inscrita em nosso imaginário e em nosso tempo e devemos tentar apreender suas particularidades históricas e culturais sem, no entanto, deixarmos de considerar o *desejo* que a manteve até hoje, mesmo em meio a uma história fragmentada, nebulosa e de forças contrárias que a constitui no espaço e no tempo.

Bibliografia

FONTES MANUSCRITAS

KROPFF, P. Martin. **Ichnographia de Bene Ordinanda Onandaque Bibliotheca Mellicensi**. Melk: [s.n.], MDCCLI.

FONTES PRIMÁRIAS

CONSTITUTIONES Monachorum Nigrogum Ordinis. S.P. Benedict Regnorum Portugalliae. Conimbricae: Apud Didacum Gomes de Loureyro, 1629.

PLANO e Regulamentos dos Estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal – Primeira Parte. Lisboa: Na Régia Oficina Tipográfica, MDCCLXXXIX.

SÃO BENTO. **A Regra de São Bento**. Trad. e notas de Dom João Evangelista Enout (Ordem de São Bento). 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Lúmen Christ, 1980. 120 p. Edição Bilíngüe Latim-Português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. **A vila e a fé: Santos e a Ordem de São Bento do Séc. XVI ao XVIII**. 1980. 378 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1980.

BEHRENDT, Roland (O.S.B.). The Library of Abbot Trithemius. **The American Benedictine Review**, 52, n.1, p. 3-23, march 2000.

DARNTON, Robert. Historia da leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 199-236.

_____. Primeiros passos para uma história da leitura. In: _____. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 146-172.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. pt. 1, p. 45-73.

JOHNSON, Dom Martinho (Ordem de São Bento). **Cultura monástica através de um documento setecentista: plano e regulamentos dos estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal incluindo o Brasil - 1789**. 1975. 152 f. Dissertação (Mestrado em História dos Tempos Modernos) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1975.

LYONS, Martyn; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. 128 p.

SERRAI, Alfredo. Conrad Gesner. In: MIGGIANO, Gabriella (Dir.). **Storia della bibliografia VII: storia e critica della Catalogazione Bibliografica**. Roma: Bulzoni Editore, 1997a. v. 7, p. 61-114.

_____. Florian Treffler. In: MIGGIANO, Gabriella (Dir.). **Storia della bibliografia VII: storia e critica della Catalogazione Bibliografica**. Roma: Bulzoni Editore, 1997b. v. 7, p. 115-134.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das letras: Associação de leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2002. p. 183-212.